



## **Deslocamentos Pendulares, Trabalho e Lugar<sup>1</sup>**

Sérgio Ricardo Gomes dos Santos MELO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE

### **Resumo**

Os deslocamentos pendulares para trabalho estão inextricavelmente conectados à nova divisão territorial do trabalho, às novas estratégias expansionistas da empresa global, às transformações no espaço urbano, patrocinadas pelo mercado imobiliário e à primazia do capital financeiro internacional. Mas todos esses processos de grande alcance deságuam na vida das pessoas que devem enfrentar, ainda que irrefletidamente, os desafios que se põem à sua frente. No mundo contemporâneo convulsionado pelas mutações na base material do capitalismo, homens e mulheres precisam, cada vez mais, de ilhas de solidez, de lugares significados, de relações de pertencimento. Por isso, busco, nas falas dos pendulares, aspectos de seu cotidiano que me permitam expressar essa forma de viver a realidade urbana e, em última instância, o mundo, em tempos de intensa fragmentação do espaço urbano. Assim, me proponho compreender, sem perder de vista a universalidade subjacente à problemática, como as pessoas encaram e leem essa experiência, como operam cotidianamente nessa conjuntura, quais recursos mobilizam, no sentido de construir e preservar a estabilidade do seu mundo. Este trabalho teve como objetivo apreender a relação entre trabalho, mobilidade urbana e lugar, no âmbito daqueles que praticam a pendularidade para trabalho. Para isso, foram considerados tanto fatores estruturais, quanto a natureza das experiências individuais dos próprios pendulares.

**Palavras-chave:** deslocamentos pendulares; trabalho; lugar.

### **Introdução**

O que pretendo nesse artigo é enfatizar a experiência cotidiana dos indivíduos envolvidos no pêndulo para trabalho diante das intensas transformações sociais em nosso tempo. Especialmente as transformações na base material do capitalismo, que se desdobram em consequências em todos os âmbitos da vida social.

A questão central foi apreender a forma como as pessoas em pêndulo para trabalho constroem, edificam seus mundos sociais, como alcançam ou onde buscam segurança e estabilidade.

Em um mundo atravessado pela aceleração, pelo efêmero, o instável, a contingência, como e ou onde sentir-se protegido, este é o meu ponto. Visto que na ausência de previsibilidade, de norte, de alguma estabilidade os homens e mulheres não conseguem se pôr no mundo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 06 – Cidades e Culturas Urbanas do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

<sup>2</sup> Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFS, e-mail: sergio\_gomes08@hotmail.com



Os deslocamentos pendulares para trabalho estão inextricavelmente conectados à nova divisão territorial do trabalho, às novas estratégias expansionistas da empresa global, às transformações no espaço urbano patrocinadas pelo mercado imobiliário e à primazia do capital financeiro internacional. Mas, todos esses processos de grande alcance, deságuam na vida das pessoas e essas devem enfrentar, ainda que irrefletidamente, os desafios que se põe à sua frente. Assim, me propus a compreender, sem perder de vista a universalidade subjacente à problemática, como as pessoas encaram e leem essa experiência, como operam cotidianamente nessa conjuntura e quais recursos mobilizam no sentido de construir e preservar a estabilidade do seu mundo.

Em um mundo que segundo Han (2015) a incerteza inscrita na realidade social “torna a vida humana radicalmente transitória. Jamais foi tão transitória como hoje. Radicalmente transitória não é apenas a vida humana, mas igualmente o mundo como tal. Nada promete duração e subsistência (HAN, 2015, p. 44)”.

Com pertinência, Leite (2018) observa que as novas formas de acumulação postas em movimento pelo capitalismo em seu atual estágio de desenvolvimento não permitem nem o projeto clássico da modernidade e nem mesmo “o mitigado desejo de estabilidade do sistema liberal e do estado providência do pós-guerra” (LEITE, 2018, p. 263).

Acredito que esta pesquisa repõe no debate contemporâneo uma questão que perpassa a sociologia e a modernidade, ou seja, a problemática entre segurança e liberdade. Um problema eminentemente sociológico.

As contradições entre as narrativas imagéticas, oficialmente produzidas sobre as cidades e as objetividades experimentadas nos conflitos empíricos da vida urbana intensificam-se ainda mais nesse contexto histórico de colapso dos referenciais modernizantes do capitalismo.

A economia capitalista e seus teóricos ignoram as necessidades humanas, atacando frontalmente os fundamentos da existência individual e coletiva, em nome de interesses monetários, frios e pusilânimes. A desnaturalização das categorias e aforismos econômicos é uma das atribuições da sociologia. Desvelar o caráter social, cultural e histórico das relações humanas, que subjaz as narrativas formalizadas e dogmatizadas da ordem capitalista é uma das maiores contribuições que a sociologia enquanto ciência pode ofertar a sociedade.



A pesquisa empírica coloca o pesquisador em contato com a forma como homens e mulheres respondem a essas máximas e imposições estruturais, esse contato faz saltar a distância entre os desejos e quereres das pessoas e ideais propagandeados, permite também verificar como os indivíduos tentam se adaptar a essas demandas e ao mesmo tempo erigir o seu mundo social.

Penso que esse exercício é inerente a prática sociológica: verificar e demonstrar as assimetrias entre o discurso propagado apologeticamente pelos epígonos da ordem social e sua dissonância com a experiência cotidiana dos indivíduos.

### **Nas falas surge o Lugar**

A dinâmica entre permanência e impermanência, fixidez e movimento, presença e ausência, sempre estiveram presentes na análise da vida social sob a modernidade capitalista. Essa dualidade delineia os contornos que constitui a vida humana, que é sempre uma compilação de chegadas e partidas, idas e vindas, do aqui e do alhures. Em nosso atual momento histórico, os processos sociais fundam-se mais nas impermanências, movimentos e ausências, do que em qualquer outro período histórico.

Como afirma Bauman (2003), o debate em torno da balança segurança e liberdade é constitutivo da história humana, sendo de difícil resolução. O que, por seu turno, não deve deixar de orientar uma inabalável busca por ambas. Contudo, a questão que se coloca é que no presente histórico a “liberdade” sobrepuja a segurança, a instabilidade a estabilidade, as incertezas as certezas, o indivíduo a comunidade, o espaço o lugar, o movimento a pausa. A sociedade do desempenho criou o sujeito hiperativo do trabalho, a quem é negado o descanso e que nem mesmo a solidão contemplativa é uma possibilidade.

A mobilidade pendular, não é um fenômeno exclusivo deste momento histórico, mas o seu crescimento é substancial, e seu avolumamento está em consonância com as grandes transformações na base material do capitalismo, que implicou, entre outras coisas, em um redirecionamento das práticas espaciais e sociais para o plano regional, ampliando os espaços cotidianos e impondo e/ou possibilitando, estratégias de sobrevivência, que passam necessariamente por uma maior capacidade de adaptação por parte dos indivíduos.



Em seus relatos os pendulares não sugerem conflito entre fixidez e movimento, mas entre pausa e aceleração, entre o durável e o efêmero, pois a dinâmica de vida dos pendulares obsta a possibilidade de demora, de permanência, esses aspectos são hoje sobrepujados pela impermanência e obsolescência.

Conforme Tuan (1983), o homem tem necessidade de espaço e de lugar, ou nos termos de Bauman (2003), de segurança e liberdade. Para Tuan, espaço é liberdade, aventura, desbravamento, “o fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples que esta transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se” (TUAN, 1983, p. 59). A experiência do espaço pelo movimento é uma das condições para a alargamento do horizonte de compreensão das pessoas, não apenas em termos geográficos, mas culturais, intelectuais, políticos, sociais e relacionais. O espaço, ainda de acordo com Tuan (1983), é símbolo de liberdade do mundo ocidental, significando abertura, apontando o futuro, sinalizando um convite incessante a ação. Por outro lado, o espaço desconhecido representa ameaça, vulnerabilidade, surpresas; já o Lugar é humanizado, significado, vivido, compartilhado, apropriado, fruído.

O lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. No espaço aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar; e na solidão de um lugar protegido a vastidão do espaço exterior adquire uma presença obsessiva (TUAN, 1983, p. 61)

Com efeito, para Pais (2015) “O que tem importância social não é o espaço, mas as vivências sociais que nele decorrem e que o convertem de um vazio em algo com significado sociológico” (2015, p. 86). Tem, com isso, que uma vez que as relações emocional e culturalmente significativas operam num determinado espaço, este se transforma em Lugar, espaço conhecido e reconhecido.

Em suas falas<sup>3</sup>, os pendulares não criticam o movimento, mas a ausência de paradas, de tempo para a experiência tranquila, parcimoniosa, do seu mundo social, no que tange às suas casas, seus bairros, seus amigos e a eles próprios. Conforme podemos verificar nas falas: *A falta de tempo, a falta de tempo pra se dedicar em casa,*

---

<sup>3</sup> A pesquisa qualitativa foi realizada através de entrevistas com oito pendulares, representados aqui nas abreviações CT, RN, ELI, TH, WS e WL. Além desses, também participaram, MC e KL, os quais não abordei neste artigo. Os trechos das falas dos pendulares apresentadas neste trabalho, conformam uma pequena parte do material utilizado em minha Tese de Doutorado.



*pra ficar mais em casa, pra curtir mais os amigos, acho que mais essa qualidade de vida assim, que eu penso um pouco, e eu não tenho tanta (KL); O que você tá chamando aí de pendularidade é pura sobrevivência, é deixar a gente longe. Um pouquinho aqui ou ali, no frigir dos ovos, você não vê mais nada em lugar nenhum, só trabalho e estrada (TH); Na minha relação mesmo, não que isso tenha determinado o término da relação amorosa, mas que foi algo que foi importante, porque isso estabelece uma distância, vamos dizer assim, você fica longe e a pessoa pode achar você faz algo clandestino (CT); Até porque quando você se desloca mais é, tipo, já não tenho tantas pessoas que eu tenho conhecimento, então se saio do bairro aí que é que não vou ter mesmo (WS).*

Em A cultura do novo capitalismo, Sennett sublinha que poucas pessoas são capazes de se acomodar às condições sociais instáveis e fragmentárias que o atual modelo social imprime, esse *antropos* ideal teria que responder a três desafios: 1) ser capaz de cuidar de relações de curto prazo, de si mesmo e ao “mesmo tempo estar sempre migrando de uma tarefa para outra, de um emprego para outro, de um lugar para outro” (SENNETT, 2006, p. 13); 2). Ser capaz de se atualizar ciclicamente para atender as mutantes necessidades do mundo empresarial, e; 3) “um traço de caráter específico, uma personalidade disposta a descartar-se das experiências já vivenciadas” (SENNETT, 2006, p. 14). O pendular, no contexto estudado por esta tese, como deixaram claras as entrevistas, não se enquadram nos termos do homem abstrato da economia flexível.

Os homens e mulheres em qualquer espaço do tempo ou da história necessitam de segurança e estabilidade, ainda mais sob a égide da modernidade capitalista, como forma de enfrentar as ansiedades existenciais de um mundo em permanente transformação. O homem desenraizado, mutante, sem história ou experiências passadas como requer a ordem social atual, tão bem retratado por Sennett, não passa de mais uma das ficções criadas por esse modo de produção, assim como o indivíduo privado, egoísta, competitivo e utilitário da economia política clássica para quem Marx direcionou seu canhão teórico e contrapôs o homem coletivo, social e histórico.

As entrevistas mostraram que esses indivíduos em pendularidade para trabalho, expostos a todo momento ao cálculo, ao planejamento, à *performance* e constantes exigências do mundo do trabalho por qualificação e produtividade são



muitas vezes tomados por sentimentos de “angústia”, insegurança, preocupações e auto cobranças, o que os impulsiona a construir espaços de familiaridade, de proteção, ainda que nos limites do tempo e da cisão espacial cotidiana a que estão sujeitos.

Conforme WS, suas atividades de lazer e encontro se concentram no bairro, pois,

Geralmente, no bairro... não saio do bairro, eu acredito que não é nada demais... eu acredito que só a questão de não gostar de se deslocar muito mesmo, só tá ali próximo, no máximo um shopping, mas na maioria do tempo eu tô no bairro, até porque quando você se desloca mais, é... tipo, já não tenho tantas pessoas que eu tenho conhecimento, então, se saio do bairro, aí é que não vou ter mesmo, então pela acessibilidade das pessoas que eu conheço, eu acredito que o bairro é mais viável pra mim, eu gosto mais de ficar no bairro (WS, dezembro, 2019).

Com WL não é diferente, segundo a pendular foi quando se instalou e se ambientou ao conjunto José Tenório no bairro da Serraria em Maceió, que começou a sentir-se mais segura e capaz de se lançar para outros espaços da cidade, *eu me sentia muito mais segura no Zé Tenório depois que fui pra lá, aí eu comecei a sair mais.*

Amo tudo, eu faço tudo lá (bairro José Tenório). Quando eu fui alugar esse apartamento, a opção era alugar um aqui embaixo perto da praia, não quis, porque lá eu tenho tudo próximo: lá eu tenho academia, bem na esquina da minha casa, padarias, a igreja, então, assim, igreja, lazer, então eu gosto.... Então, tudo que eu preciso eu tenho próximo, banco, lotéricas... (WL, dezembro, 2019).

Essa segurança que WS passou a sentir, é fruto, não apenas da infraestrutura do bairro, mas especialmente, das relações interpessoais e afetivas tecidas em sua rotina no espaço imediato do bairro,

Eu conheço muita gente no supermercado, oi, oi, bom dia, tudo bom... pronto, eu conheço muita gente, eu vou na missa tem muita gente que eu conheço, ali é o círculo. (WS, dezembro, 2019).

Na mesma direção aponta ELI,

Você se apegar ao local, né? Brincou naquela rua, cresceu naquela rua, sabe a padaria onde é, o mercadinho onde é, a academia fica ali, né? A costureira fica ali, tudo você sabe, tem mapeado, a família tá perto, amigo de infância tá do lado, tá todo mundo pertinho... (ELI, outubro, 2019).



E completa,

tá numa rua em que eu posso contar com os vizinhos, é um local onde minha família gosta de ficar, onde os amigos gostam de vir, é perto da praia que eu gosto de frequentar, de restaurantes que eu gosto de ir... (ELI, outubro, 2019).

Esse sentimento de integração e pertencimento, essa relação com o Lugar (bairro, casa, pessoas), torna o local um espaço significado, representativo, um caos capaz de represar as consequências da dinâmica acelerada do mundo do trabalho e fissura espacial cotidiana a que estão submetidos.

Em uma das entrevistas, foi particularmente interessante, quando o conversante (CT), ao longo de sua fala, demonstrava grande encantamento com centros urbanos como São Paulo capital e Recife, cidades que tinha estabelecido relações ao longo de sua vida, desta forma, lhe perguntei se tinha interesse em um dia estabelecer residência em alguma dessas cidades. Em sua resposta esboçou uma sugestiva reflexão sobre a essa possibilidade:

Não tenho decidido essa coisa, talvez porque eu seja um pouco provinciano, talvez ainda esteja muito ligado as coisas de Maceió, às minhas conchas, meus círculos, ser provinciano, ser de Maceió, reproduzir os pensamentos da província mesmo... pensar grande, mas ser um pouco pequeno. Isso é louco, assim, porque tem toda uma questão que talvez vá além de questões empíricas, tem esses fatos sociais que você tá dizendo, e acho que tem o fator psicanalítico mesmo... assim do fato de que há uma ligação embrionária com o lugar, uma ligação com o lugar e aquela rede que você construiu... (CT, setembro, 2019)

Esse trecho expressa bem a dialética entre o global e o local. Em um momento, o músico quer vivenciar a efervescência social e cultural das grandes cidades; noutro, deseja manter-se no espaço em que construiu o seu Lugar, seus *círculos*, suas *conchas*, como indica a sua frase: *pensar grande, mas ser um pouco pequeno...*

Em um momento da entrevista em que estávamos muito à vontade, CT descreve a trajetória de sua ex companheira (namorada) e esboça uma análise, que considero valiosa:

Essa última relação, essa minha companheira, ela não tem identidade com nada porque ela foi alfabetizada no Canadá, onde a mãe foi fazer doutorado. A mãe veio pra Maceió e depois foi pra Fortaleza, passou um tempo e depois voltou pra Maceió por causa de concurso, aí ela veio junto; e a menina foi e





passou no doutorado na Bahia... imagina a cabeça dessa pessoa! Ela não se sente de Maceió como não se sente em lugar nenhum... (CT, setembro, 2019)

Sua ex-companheira é um retrato da hipermobilidade da sociedade contemporânea. CT examina que a dinâmica de vida apresentada, vivendo em vários lugares, ao longo da vida, implica na ausência de identificação com o Lugar. Esse desenraizamento aprofundaria o individualismo, conforme CT: a ideia de *coletividade acaba, tudo é o indivíduo*.

Imagine, cara, uma criança, filha de uma pessoa que veio do Rio Grande do Sul e nasce em Arapiraca e vê os pais com uma referência social e cultural completamente fora! Essa pessoa vai pra uma escola onde, provavelmente, vai ter os mesmos meninos que vieram de outra cidade e aquela mistura toda e ninguém é do lugar e o cara também... vive numa bolha e a sociedade que vive ao redor dele é um monte de gente com subemprego, pobre e ele vivendo naquela bolha sem lugar... e vai ser isso... (CT, setembro, 2019)

Uma outra entrevista, igualmente rica, foi com TH. TH tem 29 anos de idade, é negro e professor de História. Sua trajetória apresenta inúmeros pontos de contato com a dos outros pendulares ouvidos nesta pesquisa. TH reside na casa dos pais, tem uma irmã que é casada e mora no mesmo bairro, é solteiro e não tem filhos. Ele sempre residiu na mesma casa em que nasceu, portanto, toda sua vida foi no bairro do Barro Duro, em Maceió, como ele costuma dizer *estudei perto, namorei perto e bebo perto* (risos).

Saiu de Maceió algumas vezes, sempre para prestar concursos, sempre na região nordeste - Natal/RN, Caruaru/PE e Garanhuns/PE. Foi aprovado neste último, chegou a tomar posse e entrar em exercício, mas ficou apenas um mês, abandonou o emprego e posteriormente solicitou desligamento, segundo ele:

Não gostei da cidade nem das pessoas... claro, não deu nem tempo, mas não me senti bem, era tudo muito diferente, o salário era baixo e era melhor eu continuar na Faculdade. (TH, janeiro, 2019)

Sobre essa experiência ele acrescenta:

Olha, velho, o salário era escroto e se eu ficasse ali, teria que morar, então, eu teria que me virar por muito tempo com aquele salário, teria que alugar um lugar, sozinho, pois eu não conhecia ninguém, teria que mudar tudo na minha vida e ficar em lugar totalmente desconhecido. Como eu trabalhava em uma Faculdade em Maceió e o salário era até melhor - só não era funcionário público - e também, eu morava com meus pais, por isso, entendi que, se eu ficasse ali, poderia atrasar minha vida, era melhor continuar tentando algo em Alagoas. (TH, janeiro, 2019)





TH é um jovem canguru, sua longevidade na casa dos seus pais lhe dota de segurança para continuar tentando *algo melhor*. Perguntei, em dado momento, se foi apenas o salário que lhe fez tomar essa decisão de desligamento de um cargo público, ao que respondeu:

Não sei, agora você falando, talvez seja mais fácil dizer isso, mas foi também, além disso, acho que não me senti seguro para encarar um lugar novo e construir uma história toda do zero, talvez isso também... não sei! (TH, janeiro, 2019)

Toda sua história foi construída nesse bairro, na mesma casa e na mesma rua, só agora irá realizar seu sonho de morar sozinho, contudo, distanciando-se apenas dois quilômetros do bairro do Barro Duro, e residindo no Bairro do São Jorge, assim, permanecerá no ambiente em que é conhecido e reconhecido que, segundo ele, não tem ninguém que não o conheça e que ele conhece *todo mundo*. Seu pai é um histórico comerciante local, a diretora da escola em que estudou frequentava a casa dos seus pais durante sua infância, seus romances se construíram sobre aquele solo e, sua atual namorada, *mora na rua de trás*. A iniciativa de TH em sair da casa dos pais não aponta para um abandono de seu bairro, não sinaliza para um abandono dessas relações, mas para um fortalecimento delas, um equilíbrio entre independência relativa e vivências herdadas.

A fala de nosso jovem professor, que já pendula para trabalho há quatro anos, converge com as de WS, WL, ELI e CT. Na mesma direção ele sublinha sua relação com o espaço imediato do bairro. As falas se somam, e reafirmam a importância do Lugar como anteparo as pressões hegemônicas do mundo contemporâneo.

Não foi diferente em minha conversa com RN. A bibliotecária reside no bairro do Feitosa, em Maceió, há 23 anos, nunca em casa própria, já se mudou algumas vezes, mas sempre no mesmo bairro. Sobre esse fator ela respondeu:

Porque eu gosto do bairro, gosto muito de lá, sabe? Ficamos muito tempo sem carro e, mesmo assim, a gente nunca teve problemas... tinha ônibus passando na porta a cada 40 minutos, já conhecíamos alguns motoristas da linha, quando chegava do trabalho, me sentia segura até em casa... lá tem uma pracinha que sempre levei meu filho para brincar e tudo isso me fez continuar nesse bairro, por me sentir segura e confortável. Eu fiquei muito tempo lá, acho que é isso, meus vizinhos são todos conhecidos, sou madrinha de algumas crianças, meu vizinho é padrinho do meu filho, nunca pensei porque não saí... (RN, novembro, 2019)



Seu filho nasceu no bairro do Feitosa, seu marido trabalha próximo, seus vizinhos são conhecidos de longa data, todos esses elementos ressaltam a importância do bairro em sua vida. Ainda que em constante mudança de residência nunca saiu do bairro, talvez por seu envolvimento com as pessoas e o entorno, fator que a leva a não cogitar mudança para a cidade de trabalho, mesmo com permanente insistência e entusiasmo de sua irmã, e outros familiares, que residem na cidade de Arapiraca, para onde pendula a trabalho, há cinco anos.

As entrevistas demonstram a força do Lugar no mundo contemporâneo como um mecanismo arrefecedor das instabilidades resultantes do mundo do trabalho e da ruptura sócio espacial cotidiana. A noção de Lugar de Carlos (2017) se encaixa com fidedignidade as falas dos entrevistados, segundo a autora,

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja pequena vila ou cidade – vivida/ conhecida/reconhecida em todos os cantos. Motorista de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos, como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço. As casas comerciais são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro (CARLOS, 2017, p. 17).

É importante frisar, que o objetivo inicial das entrevistas não era capturar ou enfatizar a categoria Lugar, pois o plano inicial da pesquisa era outro, o que significa que em meu roteiro de entrevistas não tinham questões que enfatizassem o Lugar como *telos* da pesquisa. Apenas quando fui transcrevendo as entrevistas foi que o Lugar se impôs a minha atenção, despertando o meu olhar, e alterando os rumos da pesquisa. O Lugar surgiu de maneira espontânea nas falas dos conversantes, e foi sendo, confirmado uma após outra entrevista.

Desta forma, através da mobilidade pendular para trabalho alguns indivíduos procuram refrear as consequências do mercado de trabalho em constante transformação, preservando suas histórias profissionais. A pendularidade para trabalho, assim acredito, é um modo de vida urbano, encontrado por alguns indivíduos para proteger-se das devastadoras metamorfoses que atravessam nossos tempos. Um tipo de resistência, no sentido mecânico mesmo, ou seja, a capacidade de um material para resistir a uma força aplicada sem se romper ou deformar permanentemente.



Acredito, com base em todo o material reunido e nas falas dos pendulares, que através da mobilidade pendular para trabalho essas pessoas conseguem negociar suas histórias e vivências com as demandas de uma sociedade em transformação, isto é, não romper ou deformar permanentemente. Com isso, não se trata de nenhum retorno a qualquer espécie de comunitarismo, muito menos de um atendimento passivo das narrativas disseminadas pelos acólitos do capitalismo flexível.

O que percebi nas falas dos pendulares foi um esforço e um desejo no sentido de aproveitar ao máximo as oportunidades de confecção de laços e uma ligação aos seus bairros e as suas casas, não vi falas que apontassem para o isolamento. Inversamente, colocam-se em movimento formas de manter vivos seus elos com as pessoas e o espaço local. Como trabalham em outra cidade e bloqueiam uma relação mais visceral com a cidade de trabalho, condensam todo o seu desejo de interação e participação na cidade de residência, mais precisamente, no bairro e na casa.

### **O Lugar como o principal refúgio**

O que defendo aqui é que na localidade é que a vida acontece, que o Lugar e os vínculos de proximidade são aspectos extremamente significativos na vida dos pendulares para trabalho.

Ao analisar as conversas, percebi como o bairro e a casa representam instâncias fundamentais na vida desses personagens que apesar do movimento cotidiano para trabalho em outra cidade, ou devido mesmo a esse movimento, o Lugar adquire para esses indivíduos uma posição de centralidade. É na casa e no bairro que vivenciam suas experiências mais sensíveis, é nesse espaço que produzem seu sentido de segurança, é a esperança de um dia se fixar ou de retornar que anima seu movimento.

Podemos ver claramente uma mudança de postura, inclusive corporal, quando os entrevistados retratam suas experiências na cidade de trabalho e de residência. A cidade de trabalho é sempre encarada como um momento transitório, que logo passará, para em seguida voltar a viver na cidade de destino, mas que isso, no bairro, na casa. RN, TH, WL, WS e CT todos explicitam o seu desejo de conseguir um dia se consolidar em seus atuais bairros, conseguir comprar seu próprio imóvel, de



permanecer, de alcançar longevidade ali, onde encontraram segurança, convívio, interação. É no espaço imediato do bairro em que se opera a escala do vivido.

O que esses pendulares para trabalho escancaram em suas falas, é que o mundo do trabalho pode lhes reprimir o tempo, podem segregar espacialmente seu cotidiano, mas não o Lugar. Não me refiro ao Lugar tradicional, no sentido romântico, uma ancestralidade, terra natal, mas ao Lugar como o espaço de segurança e proteção. Essa segurança é construída com a interação e o convívio, no transitar, no perambular livre pelo espaço do bairro, na troca com as pessoas. Como afirma Martins, em *A sociabilidade do homem simples* “é no âmbito local que a História é vivida e é onde, pois tem sentido para o sujeito da História” (MARTINS, 2000, p. 132).

As entrevistas fundamentam uma perspectiva que põe o Lugar, a localidade, o espaço em que se vive, onde se mora, como um mecanismo de proteção contra as pressões globalizantes, contra a despersonalização do mundo do trabalho, contra a fragmentação espacial, contra as separações operadas pela sociedade líquida. No Lugar pacificam suas tensões, reoxigenam, recarregam as baterias para o retorno ao trabalho, para o retorno à cidade de destino. O sentimento de pertencimento produzido pelo envolvimento com as pessoas e o bairro dota esses indivíduos de confiança, oferece uma bússola. O Lugar tem latitude e longitude, diferente do mundo que será explorado, que lhes desafia, onde não se sabe muito bem o que irão encontrar, em que direção terão que seguir. O Lugar oferece previsibilidade, ainda que não mais aquela do mundo pré-moderno, alguma previsibilidade, fruto das trocas cotidianas com as pessoas e espaços do bairro, daí resulta a confiança que WL, por exemplo, sentiu, de poder sair mais depois que começou a morar no bairro José Tenório.

O mundo contemporâneo parece liquefazer todos os sólidos, fazendo com que os homens e mulheres caminhem sobre o terreno sempre movediço da contingência ou por labirintos onde há sempre à espreita um Minotauro. Não há dúvidas que a globalização econômica potencializada por outros fenômenos em escala mundial atingiu os lugares, redefinindo-os, incluindo o Lugar na trama da globalização. Contudo, este continua sendo, especialmente para os pendulares entrevistados, um refúgio, talvez o mais forte, na produção da segurança e estabilidade.

Os indivíduos pendulares apontam para a importância do Lugar como categoria fundamental, caso se queira apreender as formas contemporâneas de produção de segurança, a apropriação e uso do espaço urbano, frente as instabilidades resultantes



dos grandes processos e transformações sociais hodiernas. No caso dos entrevistados, o Lugar cumpre uma função protetora, de ordenamento do mundo e dos afetos, o Lugar representa a pausa, o conhecido, a confiança realizada na habitualidade dos usos do espaço local. O Lugar não é apenas um espaço físico delimitado, mas ideia, conceito, imagem, informação, arbítrio, memória. No lugar está o plano do vivido, da ordem próxima, “no lugar emerge a vida, pois é aí que se dá a unidade da vida social” (CARLOS, 2017, p. 22), uma vida trilhada em um mundo cada vez mais fragmentado, visto e experienciado em pedaços.

Como demonstra Tuan (1983), o Lugar é a pausa no movimento. Os pendulares para trabalho vivem em constante movimento entre duas cidades. A estrada e o local de trabalho, repletos de estímulos e atenções, exigem muito da econômica psíquica. É no retorno a casa, à familiaridade do Lugar, que podem cessar temporariamente essas tensões, e é justamente essa pausa que permite que uma localidade se torne um centro de valor reconhecido.

O Lugar é o espaço concreto, palpável, onde os indivíduos participam em suas práticas cotidianas, é o espaço do lar, da morada, dos contatos diretos. Para Buttimer (1982), mesmo as intensas transformações tecnológicas que ampliaram as possibilidades e horizontes das pessoas não solaparam o sentido de lugar. Tanto Buttimer como Tuan enfatizam as experiências vividas na produção do conceito de lugar. Para ela,

O mundo vivido diário, visto sob o ponto vantajoso do lugar, poderia ser compreendido como uma tensão (orquestração) de forças estabilizantes e inovativas, (...) esta tensão entre estabilidade e mudança dentro do ritmo de diferentes escalas, expressa pelo relacionamento do corpo para com seu mundo, pode ser vista como protótipo do relacionamento entre lugares e espaço, lar e amplitude na experiência do mundo (BUTTIMER, 1982, p. 180).

Na mesma direção de Tuan, para autora o homem precisa de lugar e espaço, de segurança e liberdade. O Lugar representaria a estabilidade e o espaço a inovação, o lar representaria a segurança, proteção e o espaço amplitude, a busca, a aventura, o desconhecido. Em nosso atual momento histórico, a segurança e estabilidade promovidas no Lugar se tornam cada vez mais essenciais.

Mas do que estabelecer um longo debate sobre o Lugar no mundo globalizado, o que pretendi foi chamar a atenção para a importância dessa categoria na vida dos pendulares para trabalho, nesse sentido optei pela posição de autores como Carlos,



Tuan e Buttimer pois respondem a esse apelo e apego sugerido nas falas. A escolha dos autores se deu em concomitância às falas, às experiências captadas, às entrevistas deram o tom da escolha teórica, apontando para a relevância do Lugar e dos casulos protetores na vida desses indivíduos.

Procurei assim, iluminar, traduzir e ecoar as falas, acompanhá-las na direção aqui apresentada. Neste sentido, ficou demonstrado pelos entrevistados que suas casas, seus bairros e suas famílias são os principais redutos de proteção diante da dinâmica acelerada e fragmentadora do mundo desencaixado da modernidade tardia (Giddens).

Hissa (2009) é preciso ao dizer que a noção de mundo sempre foi uma ideia histórica desterritorializada, isso porque a história não é construída no ciberespaço ou em algum não-lugar universal, mas sim no lugar, no território, em seus termos a noção de global é uma “suspeita abstração quando pensamos que a vida e as existências se dão nos lugares, na escala dos cotidianos (HISSA, 2009, p. 50-51) ”.

### **Considerações Finais**

Se por um lado a modernidade capitalista cria incertezas e separações, por outro os indivíduos em pendularidade para trabalho respondem a essas no plano cotidiano, na dimensão do vivido, valorizando, ou revalorizando, a casa, o bairro e a cidade de residência. O que significa que mesmo na contemporaneidade, com seus processos sociais avassaladores, o lugar da morada, refúgio e local de pertencimento, é a instância mais importante na vida desses sujeitos. De acordo com as entrevistas, é no Lugar em que os indivíduos percebessem-se vivendo, seguros e confiantes.

Suas relações com o Lugar, - e a importância que atribuem à casa, família e ao bairro - atravessam todas as falas, de maneira insistente e emergem, sem pedir licença, sem qualquer estímulo por parte do entrevistador.

Os pendulares apontam para a sofreguidão que é viver as angústias do mundo do trabalho e suas incertezas, bem como a cisão espacial a qual estão sujeitos. Nesse contexto, o Lugar revela-se ainda mais central, pois o pouco tempo e presença os quais esses sujeitos dispõem promove um forte sentimento em relação a ele.

A mobilidade não é um problema para os entrevistados, mas sim uma possibilidade. A possibilidade do movimento é algo valorizado e sobre o qual todos demonstram entusiasmo e reverência, diante das oportunidades que o movimento



insinua. O que é lamentado pelos pendulares para trabalho é a impossibilidade de permanência. Como expus ao longo deste trabalho, citando Tuan (1983) e Bauman (2003) os homens e mulheres necessitam de segurança e liberdade. O que assistimos hoje é a promoção de uma “liberdade precária” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002), ou uma “liberdade amoral” (SENNETT, 2009). É a liberdade denunciada por Han (2015) e Bauman (2009), ou seja, uma liberdade que expulsa da sala a segurança e a estabilidade.

As novas demandas do mutante mercado de trabalho contemporâneo encabeçam uma ideologia do recomeço, da reinvenção, das transformações constantes, um ideário que sobrecarrega e estressa os indivíduos pelo desenho de suas próprias vidas, um modelo social que carboniza os suportes sociais e os sistemas de proteção. A marca dessa sociedade, como aponta Han (2015), é a transitoriedade, pois nada promete duração e subsistência. A impossibilidade de ficar, de permanecer, de pertencer, é a maior preocupação dos pendulares para trabalho. O capitalismo contemporâneo derrubou barreiras, comprimiu tempo e espaço, trouxe o mundo para perto, mas simultaneamente tirou de perto o mundo das pessoas.

O desraizado, o sujeito maleável e sem história, não encontra ancoragem no mundo real, nos indivíduos históricos e concretos, visto que mesmos os nômades, como apontou Bauman (1998), procuram uma terra hospitaleira em que possam se fixar. O nomadismo proposto pela sociedade flexível, a exigência do movimento incansável, provoca ansiedades, torna os indivíduos reféns da vastidão do espaço e, portanto, vulneráveis.

As entrevistas apontaram para as estratégias, utilizadas pelos pendulares para trabalho, que visam suprir as vulnerabilidades potenciais e virtuais presentes nesse tipo de prática urbana. Nesse sentido, os casulos protetores, tanto na cidade de destino (trabalho), quanto na de origem (residência), e os vínculos com vizinhos e o bairro demonstraram-se como as principais colunas de sustentação de estabilidade de seus mundos sociais.

É no Lugar que a estabilidade é construída e reforçada como resposta a liquidez presente em todas as âmbitos da vida social. O relevo que dão ao Lugar, a convivência com o bairro, ao aconchego de suas casas, a importância da família, expressam a premência de pensarmos o lugar do Lugar no mundo contemporâneo.





## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **Individualization**: institutionalized individualism and its social and political consequences. London: SAGE, 2002.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CARLOS, A. F.A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH/USP, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HISSA, C. E. V. **Território de Diálogos Possíveis**. In: Maria Teresa Franco Ribeiro; Carlos Roberto Sanchez Milani. (Org.). Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar. 1º ed. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 36-84.

LEITE, Rogério Proença. O futuro incerto das cidades: uma reflexão niilista sobre as atopias urbanas. **Tempo Social**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 255-276, 2018.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida cotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. 6. ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Londrina: Edel, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Edel, 1980.